

Delfim critica o congelamento

"Nunca recomendaria a um presidente que eu respeitasse, o congelamento dos preços. Isso só serve por um período muito curto e causa grandes transtornos à economia." A afirmação foi feita ontem em São Paulo pelo ex-ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, para quem o congelamento "não era necessário ao Plano Cruzado". Delfim, no entanto, disse não estar sugerindo o descongelamento geral, defendendo apenas a necessidade de correção em alguns preços relativos.

O ex-ministro ressaltou que o congelamento gerou um sistema de preços fictícios no mercado e afirmou que a prática do ágio "é generalizada". Para ele, esse sistema causa transtornos à economia, já que não funciona como alocador de recursos. "O consumidor paga mais, o empresário não pode investir a parcela obtida com o ágio e o governo fica sem receber o imposto", disse Delfim, salientando ainda que os índices de



Ex-ministro vê transtorno

preços passam a não refletir o crescimento efetivo da renda.

Nesse sentido, ele acredita que, "dentro de um ano, todos estarão defendendo a volta da correção monetária, mecanismo fundamental em uma inflação de 10% a 15% ao ano". Para o ex-ministro, "é o governo e

não a correção a causa principal da inflação"

Além do congelamento geral dos preços, o ex-ministro também demonstrou preocupação com o "não cumprimento das promessas feitas pelo governo, principalmente quanto ao déficit público". Durante os 35 minutos em que proferiu palestra para quase 200 administradores financeiros, ligados ao Ibef (Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros), Delfim Netto repetiu, por 11 vezes, o que considera primordial para o sucesso do Plano Cruzado: a contenção do déficit público.

"Nada está perdido, mas o sucesso do Plano depende só do governo, que precisa cortar seus gastos. Se não fizer isso, de nada adiantará 'livros brancos' ou planos de metas", insistiu Delfim, reconhecendo, porém, dificuldades para se fazer isso. Ao responder a uma indagação feita pela platéia, o ex-ministro do Plane-

jamento admitiu que, quando esteve no governo, não conseguiu seguir a inflação "porque não pude, porque fui incompetente e porque os senhores não quiseram".

Delfim Netto usou de ironia ao lembrar que durante sua gestão no governo enviou três decretos preventivos de cortes nos gastos ao Congresso, todos rejeitados. "Um desses é o meu grande orgulho: foi rejeitado até pelo próprio líder do governo, simplesmente porque reduzia de 17 para 13 o número de salários de algumas estatais."

Após a palestra, em entrevista coletiva, o ex-ministro comentou a atitude do governo, "esquivando-se do FMI", salientando que "assinei sete cartas com o Fundo e pretendia assinar mais dez e nem por isso deixamos de fazer o que era preciso". Segundo ele, "como chamar isso de submissão?". Para Delfim, "o Brasil vive gritando que é macho, mas para provar isso não é preciso gritar".